



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRI-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



O Galato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 12 de Maio de 2007 • Ano LXIV • N.º 1648 Preço: € 0,33 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

A Obra da Rua

As Normas de Vida dos padres da rua aprovadas pelos nossos Bispos, conforme o documento publicado a quinzena passada, são também elas um documento simples, apenas em dois capítulos: o *Ser* e o *Agir*.

O *Ser* que nasceu como resposta do Fundador a um chamamento que se repetiu e outros responderam e deu lugar a um *corpo* animado por um espírito que o Espírito soprou e sopra e se manifesta em *vida*. A Obra da Rua, imensamente mais do que um ente jurídico, é esta *vida* que dimana do *ser* a que o sim de Pai Américo à interpelação de Deus deu origem. É o *agir* que necessariamente irrompe da *vida* conforme já às leis da Natureza, que a Sobrenatureza não apaga, antes vincula com força nova, sempre renovada. O *agir* é, pois, um corolário do *ser*. Têm de ser homogêneos.

Por isso, naquele «Um Equívoco» publicado em 24 de Maio de 1952 e há dois meses aqui evocado, Pai Américo reclama:

«Família que somos, aonde o pai come à mesa e reparte com os seus filhos, não nos parece avisada nem necessária a jurisdição da Assistência. Esta tem de se exercer, sim, mas doutra maneira e por outras razões mais altas que os simples subsídios. Para isso estou aqui. Para isso venho hoje a esta coluna chamar pelos Homens de boa vontade, que me ajudem a sair da encruzilhada com um corpo de doutrina nova. Doze anos de vida dão a matéria. 'Odres novos, que o vinho é novo'. É tão espumante a nossa acção que a antiga lei não nos comporta. Poderá alguém tomar-nos por indisciplinados, mas isso é outro equívoco.

Por ora não, que estou a preparar-me para a viagem ao Ultramar, mas no regresso, sim. Sem favor nem privilégio nem nada de pessoal, havemos de trabalhar por uma lei nova para reger uma coisa nova.»

Não sei onde, hoje, os «Homens de boa vontade que ajudem a sair da encruzilhada com um corpo de doutrina nova»... Mas com ela ou sem ela; e lembrando que a Igreja começou *fora da Lei* e assim resistiu os seus primeiros séculos, os mais gloriosos — os padres da rua têm de concentrar-se no *ser* do *corpo* que formam, animado pelo espírito que o enforma, para «guardarem e fazerem render o dom da escolha na fragilidade das suas misérias».

Continua na página 3

Moçambique

Escolas

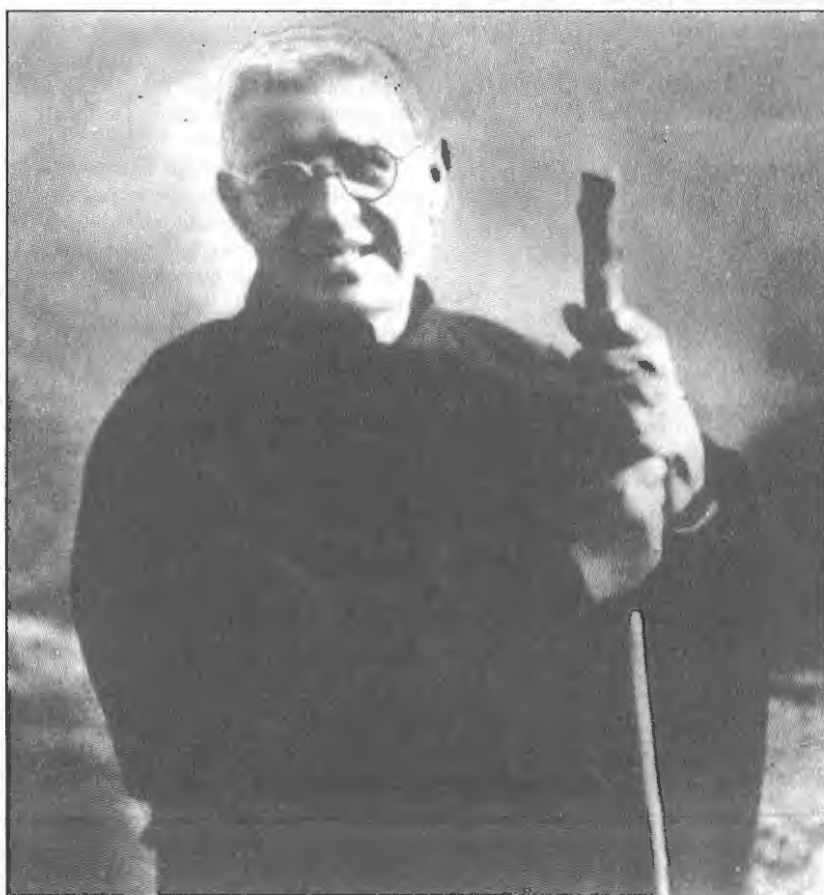
INICIÁMOS o ano lectivo com a nova Escola da Massaca tão cheia que até a Biblioteca foi transformada em sala de aula. Agora, abrindo de manhã para os mais jovens e continuando até à noite, são oitocentos alunos, da sexta à décima. A nossa Escola de Casa, com a Escolinha aberta, também de tarde, para alunos de fora, está com quinhentos e quarenta.

Depois de tantas diligências que nos fizeram para um nome titular da Escola, a Direcção Provincial rejeitou o de «Despertar para o Desenvolvimento», porque sugeria uma Escola Profissional, e mandou que fosse ouvida a população das Aldeias juntamente com os mais responsáveis, a autoridade

tradicional, estruturas do Partido e professores, para elegerem, em reunião, um nome dos propostos.

Não saiu outro: Escola Secundária Padre Américo; e foram remetidas à Direcção Provincial todas as listas com as respetivas assinaturas. Deve ser o primeiro caso em que não há nome de gente Grande desta terra, ou data da sua história, como por todo o Moçambique acontece, fora a Escola debaixo do Cajueiro, titular da Escola de uma Aldeia.

Assim, ganhou raízes, aqui, o nome de quem por cá andou. Não se sabe com profundidade o seu relacionamento com Moçambique, senão como um homem pobre na direcção da república em que vivia com outros, solteiros como ele. Folgazão, mas sempre reservado e moderador quando a alegria das noites, de cantares e guitarradas que lhes proporcionava, passava os limites. Bom conselheiro, não admitindo junto de si atitudes menos dignas. Pegou na mala e saiu da república um, incomodado



Semana das Vocações

A Celebração da Semana de Oração pelas Vocações de especial consagração assumiu entre nós, Obra da Rua, particular importância. O facto de ela ocorrer, como é costume, em pleno tempo litúrgico da Páscoa do Senhor, torna-a mais carregada de significado.

Só quem se deixa tocar por Jesus, numa convivência de fé, amor e confiança, O pode seguir.

Um consagrado de forma especial é, de facto, alguém que se deixou tocar por Jesus; se prendeu a Ele, à sabedoria do Seu ser, O toca nas Suas chagas,

vivendo na contemplação do Seu lado aberto, abismo de amor, nunca totalmente compreendido nem suficientemente Amado e Adorado.

O que justifica a vida de um consagrado é, em suma, apenas e somente Jesus, a Sua Pessoa.

Os projectos pastorais, os organigramas, sempre necessários, e a acção evangelizadora deles decorrente, tudo deve convergir para a contemplação d'Aquele lado aberto acerca do qual Tomé, o Apóstolo da dúvida, exclamava com estupefacção: «Meu Senhor e meu Deus...» É

essa Chaga divina aberta que desfaz todas as dúvidas e confirma todas as esperanças.

Esta certeza, porém, não nos deixa na quietude, pois que o caminho de encontro com o Senhor é sempre cheio de encanto e de assombro e, não raro, tem como companhia a dúvida e o medo.

É a distância que se adivinha entre a grandeza do chamamento, pois Quem chama é o Senhor, e a fragilidade da resposta, já que quem responde é o homem: «Senhor afasta-Te de mim que sou um homem pecador».

A Obra da Rua nasceu no coração de um apaixonado por Cristo — o Padre Américo. Ele era, antes de tudo, um contemplativo das Suas santas chagas. O seu amor era o amor de Jesus com o qual desejava abraçar a todos, especialmente os mais fracos. Nunca foi seu horizonte fundar fosse o que fosse, senão, trazer as almas para que podendo dessedentar-se em Cristo, a partir d'Ele tornarem o munda mais justo e fraterno.

Não compreenderá, nunca, a Obra da Rua, o seu apostolado e acção meritória em favor dos outros, quem se afastar desta perspectiva fundamentalmente.

Nesta Semana de Oração pelas Vocações não podemos deixar de medir forças que as actuais começam a arquejar. É humano. Sem perdermos o pé não podemos, de facto, deixar de questionar o nosso futuro. O deserto em que mergulhou a natalidade no nosso País, que não as situações gritantes de abandono e de pobreza, fazem-nos pensar... Cada vez há menos pedidos para crianças e mais para adolescentes e jovens, já indiciados num historial de marginalidade. Nós somos família! Só o

Continua na página 4

com as suas exigências. Foi buscá-lo e acabou por ser dos seus grandes amigos. Um dos encanecidos, como chamou aos antigos companheiros quando passados quase quarenta anos aqui os encontrou, chega a dizer que sempre houve nele qualquer coisa de misterioso ou de místico. Quanto ao seu relacionamento com o Povo, nada se sabe além da sua inclinação natural para ajudar. Talvez o nível de vida da colónia inglesa, com quem se relacionava maravilhosamente, o seu próprio e dos seis companheiros, que aspiravam fazer for-

tuna, tenha vincado a sua permanentemente insatisfação. A determinação de regressar à Europa, para entrar para o Convento Franciscano, foi o desfecho de alguns anos de muita luta interior.

Soube fazer amigos que lhe ficaram fiéis e o estimaram, mais tarde, como Padre. Abriu aqui o futuro de muitos gaiatos que foi criando, alguns deles ainda vivos. Quando Pai Américo veio a África, pensou escrever um livro «De como eu subi ao Altar». Desistiu no caminho, porque «tropeçava sempre no eu», que não

nos quis revelar e nem de uma só página ficou rasto. Não um rasto, mas sim a sua presença. Desde a hora em que voltámos, se torna, agora, mais viva e evidente no meio deste Povo.

Não podemos deixar os nossos Amigos sem esta notícia, saborosa para a Obra da Rua, e especialmente para nós, como mais um passo firme no desenvolvimento desta população que nos cerca, com apoio generoso de Pro Salus e Cooperação Espanhola.

Padre José Maria

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

APOIOS DO ESTADO CONTRA A POBREZA — É um trabalho dum Senhora publicado recentemente:

«Em Portugal, 20% da população está abaixo do limiar da pobreza. Mesmo depois de aplicadas várias medidas de apoio social, o nosso País 'continua a ser dos maiores, na União Europeia, com níveis de desigualdade'. O alerta foi feito por Carlos Farinha Rodrigues, investigador e docente no Instituto Superior de Economia e Gestão, que apresentou um estudo, no final do roteiro presidencial pela inclusão, com dados de 2005 sobre a distribuição do rendimento, a desigualdade e a pobreza em Portugal. O responsável sublinhou que, nos últimos 20 anos, Portugal 'manteve níveis de pobreza acima da média europeia' (20% contra 16%, respectivamente). Já a taxa de desigualdade está, também, acima da média europeia: 41% contra 31%.

Os idosos são o grupo onde essa diferença é mais visível. Em Portugal, a taxa de pobreza nos idosos atinge os 28%, enquanto que na Europa se fica pelos 19%. Por isso, alerta o responsável, 'os idosos são um grupo fragilizado'.

Carlos Farinha Rodrigues chamou ainda a atenção para o retrocesso que, entre 2000 e 2003, se verificou no rendimento por adulto. Em 2001 Portugal tinha níveis de pobreza persistente na ordem dos 15% quando a média da Europa (dos 15) era de 9%. Nesse domínio, a pobreza infantil atingia os 22% (mais 9% que os restantes países da Europa) e, nos idosos, o valor ascendia a 24% (o dobro da Europa).

Apesar do nosso País estar em pé de igualdade com os restantes parceiros europeus no que toca ao impacto das transferências sociais sobre a taxa de pobreza, o investigador concluiu, no entanto, que a aplicação dessas verbas de apoio não surte o desejado combate à pobreza. 'Temas que criar políticas sociais efectivas que permitam ultrapassar esta situação', defendeu. Até porque, disse, 'a pobreza não é uma fatalidade. Temos que ter consciência disso e desenvolver medidas'. Comentando o estudo apresentado, o economista Daniel Bessa afirmou-se 'esmagado' ao ser confrontado com o 'fracasso da política de transferências sociais'. 'Gostava de saber quanto é que custaria essa política de transferências para que resolvesse a situação', comentou.

Rui Vilar, ex-ministro da Economia e dos Transportes, apontou algumas justificações para a situação que, hoje, caracteriza o País. No seu entender, logo depois do 25 de Abril, com o processo de descolonização, o País aumentou mais de 6% o número de residentes; com a adesão à CEE, houve uma forte transferência de pessoas do sector da Agricultura e Pescas, hoje, o fenómeno da imigração está a ser acompanhado por um processo de integração 'complexa e difícil', devido às diferenças étnicas e culturais.»

Tragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Abril,
52.800 exemplares

PARTILHA — A Senhora D. Maria de Lourdes Santos Duque, de Lisboa, mandou-nos algo que serve para os nossos Pobres.

Idem, uma Senhora, de Arouca: «Peço desculpa por estar tanto tempo sem dar notícias, mas nem sempre há disposição. Junto caixa de roupa (muito boa), e 30 euros».

Outra Senhora habitual, Lourdes, de Cacém, manda 35 euros.

Quanto a dinheiros, serão mais de mil euros e não temos para dizer donde e quem.

Os Pobres, muito gratos.

Eis o endereço:

Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — Nesta fase andamos a schar as couves, o cebolo, a batata e o feijão. Como felizmente este ano tivemos muitas favas, andamos na apanha das mesmas, a fim de consumir algumas, no imediato, e congelar as restantes para futuras refeições. Já semeámos, também, abóboras e melões. Esperamos que o tempo ajude a termos uma boa colheita.

ANIMAIS — Os nossos gansos já começaram a ter filhotes (gansinhos)! Já eclodiram dois ovos e estão mais dois no choco.

As obras nos currais dos porcos (pocilgas) finalmente terminaram. Agora, os porcos estão em melhores condições.

Entretanto, nasceu mais uma borreguinha, mas, infelizmente, ao segundo dia de vida acabou por morrer, apesar de todos os esforços para a tentarem salvar.

AGRADECIMENTOS — No dia 29 de Abril, um grupo de amigos da Lousã, trouxe uma merenda, a qual queremos, desde já, agradecer.

Queremos ainda deixar, aqui, mais alguns agradecimentos:

À assinante 76260, de Figueiró dos Vinhos, também conhecida como «a amiga do Igor», que na Páscoa nos trouxe muitas amêndoas, queijos e uma importância em dinheiro.

À padaria/pastelaria «Robiana», de Miranda do Corvo, que diariamente nos oferece bolos, enriquecendo a nossa merenda e pequeno-almoço.

A ambos o nosso grande bem-haja.

Gaiatos do Alternativo

Paço de Sousa

VISITAS — Têm vindo várias a nossa Casa, devido à sua beleza e para conviverem com os nossos Rapazes. São excursões de Escolas e de grupos de Catequese, que convivem connosco e jogam futebol, na nossa hora de recreio. Agradecemos as vossas visitas e continuem a vir, somos porta aberta.

Bonguinha

AS NOSSAS SENHORAS — Aqui, em Casa, existem três Senhoras

dedicadas aos Rapazes. D. Preciosa, que cuida dos mais pequeninos. D. Adelaide que é a nossa enfermeira, encarregada do hospital e dos doentes. D. Deolinda que separa as roupas que são oferecidas pelos nossos visitantes.

Estamos carenciados de mais vocações. Se Deus chamar, não se esqueça de dizer, SIM!

CASA — Na fase final da reconstrução da nossa Capela, foi colocado um tecto novo, em madeira. De igual modo, no *hal* de entrada.

Por dentro, falta pintar e acabar o chão. Por fora, a obra está concluída.

A nossa Capela recebe muitos visitantes que vêm rezar a Pai Américo, cuja campa se situa num dos lados do Altar.

A Capela está linda e tem uma boa acústica.

ANIMAIS — Na minha passagem pela vacaria, reparei em seis novos vitelinhos, lindos!...

Ao ir para o campo de futebol, apreciei num patinho novo, junto aos seus progenitores.

AGRICULTURA — Já se vêm lindos batatais, nos nossos campos. Foram semeadas, com o trator, pelo «Meno» e o Serafim, antigos gaiatos que ficaram a trabalhar em nossa Casa, o senhor Joaquim e com a ajuda de alguns Rapazes que perderam o ano escolar.

A seu tempo, esperamos ter uma boa colheita e que seja suficiente para a nossa alimentação, ao longo do ano.

Zé Reis

DESPORTO — Nesta Casa, todos têm oportunidade de jogar se, para isso, derem o seu contributo, demonstrando interesse na estabilidade e na reputação do Grupo Desportivo. Cada jogador deve procurar ser, dentro do campo, o mais correcto possível. Por isso, é indispensável paciência, humildade, compreensão e bom-senso.

Com algumas alterações no lote dos 18, recebemos os rapazes de S. Félix da Marinha, que militam na A.F. Porto. Ninguém nos facilita a vida!, e o S. Félix, conseguiu impor um 0-0 nos primeiros 45 minutos. Foi difícil, mas um jogo disciplinado e bem disputado. O balneário é remédio para todos os males! Funciona... tem funcionado e, como tal, na segunda metade tudo foi diferente. Com golos de Tó-Zé (2), Abílio (2), «Bolinhas» (1) e Ricardo Sérgio (1), contra dois do adversário, fixou-se o resultado.

A acompanhar os atletas, veio bastante gente. Um autocarro, de dois andares, cheio. Como o pessoal que já se habituou a ver os nossos jogos, parecia um jogo da Primeira Liga. Fazemos do futebol uma festa, quando do outro lado está gente que não tem qualquer problema em colaborar, com atitudes *sãs e leais*. Como foi o caso!

Vinte e quatro horas depois, já nada disto aconteceu. Recebemos a Associação da Sra. do Monte, também dos lados de V. N. de Gaia. Eu costume dizer que: *esquece muito a quem não sabe*. E não há dúvida! Esta gente do Monte, esqueceu-se... e não esteve nada, nada bem dentro das quatro linhas. Há quem diga que «a Casa do Gaiato é um santuário». Eu acredito! Mas que ninguém se convença de que nós somos «santinhos». Pai Américo dizia que um dos objectivos da Obra da Rua era: *fazer de cada Rapaz um Homem*. E é isso que nós somos e queremos prová-lo no amanhã. Já temos provas dadas, felizmente!

Estivemos a perder por 0-2. Conseguimos empatar por intermédio de Gil e «Bolinhas», depois de termos falhado golos, daqueles que qualquer «menino da Casa-Mãe», não teria grandes dificuldades em marcar.

O árbitro, não esteve bem. É um facto. Todavia, podia e devia haver mais tolerância, desportivismo e *fair-play*. Não acredito que se apanhem moscas com vinagre!

Uma semana depois, recebemos a Juventude da Portelinha. Gente compreensiva e educada, com a excepção de um, escondido no meio do grupo.

Os nossos rapazes entraram em campo bem dispostos e a facilitarem a vida ao adversário... Então, aquela defesa! Oh, meu Deus, parecia man-teiga! Mas vai ao sítio! Quanto mais não seja, com a «vitamina banco». Eles não gostam de se sentarem lá e, por isso, é o primeiro remédio a tomar...! Se bem que, só podem jogar onze de cada vez.

O adversário fez dois a zero. E nós a *ver a banda passar*. O jogo até que não estava a ser desengraçado. Mas tentar fazer de conta que temos tempo para tudo, é coisa que eu não gosto. «Não deixes para amanhã, o que podes fazer hoje», lá diz o ditado. Mas tudo se resolveu! Ao intervalo saiu: «Russo», Agostinho e Erickson; tendo entrado: Rogério, Abílio e Ricardo Sérgio. De rajada entraram logo dois golos, por intermédio de «Bolinhas» e Rogério, fazendo o empate. Não entram mais, devido a uma crise de «azia» e de «aftas», por sinal forte, num dos atletas da Portelinha. Estar a ganhar e começar a ver-se na iminência de perder, realmente não sabe nada bem. Foi medicado e a «azia» passou. Quem *não pode* ou *não sabe* estar em campo... não deve entrar.

Alberto («Resende»)

Setúbal

AGRICULTURA — Começámos a colher as nossas favas e ervilhas. Este ano tivemos uma boa quantidade de fruto, já congelámos uma parte e vamos comendo algumas.

Faltam poucos meses para o Verão, por isso, começámos a preparar os terrenos e a semear o nosso milho que, na devida altura, será cortado para as nossas vacas.

Temos andado a colher as nossas laranjas, para fazermos sumo e aproveitarmos as mesmas.

VACARIA — Acabámos com as alterações que estávamos a fazer nas camas das vacas.

Nesta última semana nasceram dois vitelos novos.

A nossa produção de leite vai indo, pois temos a nossa quota e não a podemos ultrapassar.

ESCOLA — Um dos nossos principais empenhos, na Casa, deve ser com a Escola. Os nossos Rapazes, neste que é o período derradeiro, em que se começa a avistar a «meta», estão a dar tudo por tudo para a conseguirem cortar com sucesso.

Esperamos que a preguiça não os ataque. A ver vamos...

CAMPO DE JOGOS — O nosso campo de jogos tem sido muito utilizado, em especial pela escola do primeiro ciclo, pois, antes, não tinham um recinto desta natureza para a prá-

tica das modalidades que este proporciona e, também, porque este ano colocaram um professor de Educação Física, integrado no programa de Actividades Extra-Curriculares.

EMPREGO — Sabemos que hoje em dia arranjar trabalho não está fácil. Contudo, lá vão aparecendo alguns... O mais recente coube ao nosso Pedro Gomes que, depois de longos anos a aprender a sublime arte da culinária, com a D. Conceição, está a trabalhar num restaurante de Setúbal. Está entusiasmado e começa a ver recompensado o seu esforço. Vai, assim, dado os primeiros passos para a vida independente.

Gualberto

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Com certeza que os nossos Amigos já deram conta da nossa falta de notícias. Cabe-nos, a nós, pedir desculpa aos nossos Leitores, mas o motivo que, muitas vezes, nos leva ao silêncio prolongado é, também, a falta de correspondência dos nossos amiguinhos. São as vossas palavras que nos dão ânimo e entusiasmo para continuarmos o nosso trabalho de assistência aos Pobres.

Passou-se a Páscoa, «Ressurreição do Senhor» e como não podíamos deixar passar esta Festa sem a visita aos nossos Pobres, fomos, como é hábito, até eles ver como estavam e quais as suas necessidades.

Visitámos a avózinha, que já conta 87 anos de idade, no Centro de Dia, onde também dorme e trata dela. A filha também vai por lá e ajuda no que é preciso. Ela queixa-se que não tem dinheiro para comprar as fraldas para a mãe. Também tem muitos problemas com os filhos. Ainda, há pouco, uma filha, que está internada no Colégio de Ermesinde, fugiu de lá. O homem com quem está nem sempre tem trabalho, pois vive da biscatada.

Também fomos ver a viúva, mãe de um rapaz (homem) de 30 anos, pois tem grande deficiência mental. Anda numa oficina-escola, onde passa o dia. A senhora está aflita, pois está a ver que o tem de tirar de lá, porque a Escola aumentou o preço e o que ela recebe do filho já não chega.

Nós vamos ajudando, mas também não é tanto quando ela necessita. Para este rapaz, a nossa visita é uma alegria, já sabe que levamos algumas lambarices para ele. Desta vez, foram as amêndoas, que muito agradeceu.

Para podermos ajudar estes nossos amiguinhos mais necessitados, contamos sempre com a ajuda daqueles que não esquecem os que mais precisam.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Do nosso Amigo Delfim M. Dias, de Barcelos, «para podermos socorrer os nossos Pobres», um cheque de 50 euros. De António C. Fernandes, de Custóias, idem.

De Coimbra, Adelino Jorge Barreto, cheque de trezentos euros. Lígia Costa Sousa, de Fiães, a sua ajuda e palavras que são, para nós, de muito estímulo.

Da Maia, Dalila Cândida Carvalho, cheque de 30 euros. Joaquim António C. Ribeiro, de Contumil, ajuda de 10 euros. De Esmoriz, idem.

A Obra da Rua

Continuação da página 1

Para que esta segurança e rendimento sejam efectivos, Pai Américo balizou-nos o caminho com marcos luminosos que são os números 16 a 37 das nossas *Normas de Vida*, brotos do seu pensamento profundo e experiência espiritual, com a beleza da sua inspiração.

Certo do bem que fará a muitos outros, nesta era do material, do economicismo em que vivemos, aqui se transcrevem alguns:

- «Os 'padres da rua' só podem crescer e caminhar na medida em que se convençam das maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e as preguem ao mundo. Doutra maneira seria desperdiçar».
- «Por isso, saibam esconder-se em seus escritos, suas falas e tudo quanto seja expressão, para que a Obra de Deus resplandeça e converta. Sem Humildade nada».
- «São pobres: pobres por devoção. O espírito de pobreza é a sua pedra de toque. Eles são homens que não podem perguntar o que não-de comer e vestir, sem deixarem, contudo, de trabalhar e poupar para terem sempre à mão o necessário, tanto para si como para as multidões que os procuram».

— «Guardem-se de insinuar testamentos ou quaisquer formas de possuir que venham mais tarde a macular a nossa verdadeira riqueza. Neste ponto deve o 'padre da rua' ser decidido para se vencer, não só a si mesmo, mas também o conceito dos homens bons que procuram bens de mão morta como condição de vida das suas obras».

— «É proibido aceitar heranças por testamento. Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que, tendo mais, podem fazer melhor. No caso de uma herança não é verdade. É a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um acto de fé na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo».

— «Os 'padres da rua' são, por natureza, o Pai de Família, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

— «Não se molestem e sofram até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina: eles são servos de Deus. Por estas dores chega-se mais depressa à contemplação do *Homem das Dores*, que levou a vida mortal a servir».

Estes, sim, são os valores do testamento que Pai Américo nos deixou.

Padre Carlos

A todos os nossos Amigos, que nos enviam as suas ofertas e o seu estímulo, o nosso muito obrigado.

Também pedimos desculpa pela falta de notícias.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

No passado dia 22 de Abril, que acordou com um sol resplandecente e perspectiva de muito calor, a lembrar o Verão que se aproxima e os dias de praia dumas férias retemperadoras de energias, realizou-se, nesta cidade sadina, um Colóquio sobre **O Impacto de Padre Américo na Sociedade Portuguesa**, organizado por esta Associação em estreita colaboração com a nossa Casa do Gaiato de Setúbal, a Diocese, a ajuda de alguns Amigos e da Câmara Municipal, que tão gentilmente nos cedeu o Cinema Charlot.

Depois de saciados o espírito e o corpo, após Missa na Sé de Setúbal, às 12h00, seguida de almoço em nossa Casa, rumámos ao Cinema Charlot, onde iríamos reflectir sobre a vida e Obra de Pai Américo. Já lá estavam o Américo Pinto e o César, nos últimos retoques da sala, onde se podia vislumbrar, no palco, uma mesa engalanada com um centro de flores colhidas na nossa quinta e ornamentadas pelas mesmas mãos que afagam os nossos Rapazes. E, neste ultimar de pequenos pormenores a que também não fui alheio, lá foram chegando os nossos ilustres convidados: o Sr. General Lemos Ferreira (antigo Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas), o Dr. Mário Moura (ilustre médico desta cidade, interveniente na sua vida social, política e religiosa, com vários livros publicados, etc.), o Eng.º José Gomes (Amigo da nossa Casa de Setúbal, organizador d'Os *Convívios Fraternos*, catequista na nossa Casa), o «Zé Góis» e o Manuel António Silva, dois dos nossos Gaiatos oriundos da Casa do Gaiato do Tojal. Infelizmente não pôde estar presente o Dr. Ernesto Candeias, pois que o luto dum familiar o impediu de abrilhantar, ainda mais, este Colóquio. Entre a assembleia esteve presente um

representante da Sr.ª Governadora Civil e mais Amigos e o Sr. D. Gilberto, nosso Bispo, que já havia presidido à celebração eucarística, quis também marcar presença.

A sessão começou com a visualização dum diaporama sobre a vida e Obra do Pai Américo onde se realçou alguns dos seus escritos, acompanhados de fotos suas e podemos escutá-lo na eloquência dum homem que se deixou possuir por Deus: «*Ama o lixo da rua e vai por ele... Dá-lhe dignidade...*» Ai, se ao menos o pudésseis ouvir!...

Coube ao Sr. General Lemos Ferreira a primeira intervenção, tendo defendido a actualidade da Obra e do método perante um mundo onde a miséria ganha cada vez mais força: a Obra «continua viva» constituindo «uma fortaleza para os mais pequenos e fracos, incapazes de se defenderem». Referindo-se às notícias de que tem sido alvo, diz que é «pelo prazer de dizer mal, quando os cidadãos e governantes têm obrigação de defender e ajudar, pelo serviço que a Instituição presta».

Seguiu-se-lhe o Dr. Mário Moura que, na sua forma eloquente de falar e após explanar a sua ligação à Obra através da nossa Casa de Setúbal, de reconhecer no nosso Padre Acílio o *braço* do Pai Américo, em Setúbal (oxalá houvessem mais *braços* como este), da pedagogia própria, do contacto com a natureza, com regras peculiares, afirmou: «Que bela escola de cidadania, de civismo e de democracia num mundo de isolamento e egoísmo...»

O Eng.º José Gomes realçou a «vida familiar» das nossas Casas e a «ajuda às dezenas de famílias pobres» levada a cabo pelos próprios Rapazes, num serviço que as nossas Casas prestam à Comunidade onde se inserem.

O José Manuel dos Anjos Nunes, o nosso «Zé Góis», foi o primeiro orador dos *de dentro*, daqueles que viveriam a pedagogia, dos que falam na primeira pessoa. Começa por relacionar e enquadrar a Obra nos princípios e nos deveres cristãos de ajudar os mais necessitados, de os procurar no seu meio, de lhes dar a mão: «Eis então o fundamento, a razão de ser da Obra da Rua e até mesmo da pedagogia e da doutrina de Pai Américo que é definida desta forma: 'A Obra da Rua é antes de tudo a casa dos que nunca tiveram casa; a família dos que não conheceram família; o trabalho valorizado dos que maldiziam o trabalho. É o amor para os que se alimentavam no ódio; é o transformar em homens honrados os que levavam em

si o gérmen da corrupção e restituir a Deus e à Sociedade valores humanos em grave risco de se perderem. Inspira-se, portanto, nos mais elementares princípios sociais e cristãos e, como veremos depois, é à luz desses princípios que pretende criar um padrão de virtudes humanas». E fala do quotidiano: «A 'Aldeia', vista como um 'Santuário de Almas', tinha como referências fundamentais, ou estruturadoras do essencial, a Capela e a Escola, mas também tinha a Casa-Mãe, as casas-família, as oficinas que, já nesta altura, eram reconhecidas como escolas profissionais, a padaria (o pão nosso de cada dia era amassado, feito por nós), o campo da bola, os vários campos que definiam o devir da própria superfície, da própria paisagem da quinta, onde quase todos semeávamos a aveia, as batatas, cuidávamos das oliveiras, apanhávamos as azeitonas, plantávamos as couves, a cebola, o feijão verde, podávamos as laranjeiras e as tangerineiras, colhíamos alegremente os frutos. Com isto, aprendemos e, agora, vamos pondo em prática, nas nossas vidas, aquilo que Pai Américo defendeu: 'Dê-se ao Rapaz o sabor de comer o pão, em nossas casas, com o suor do seu rosto...' Na quinta, quase tudo tinha a marca da nossa inteligência, do nosso coração e das nossas mãos. Nesta quinta, construímos a nossa Aldeia, construímos a nossa Casa e esta construção não foi assim tão fácil. Exigiu de cada um de nós muito, mas mesmo muito trabalho. Pai Américo testemunha-o, dizendo que 'nas casas de família todos os filhos trabalham nas ocupações de que são capazes'. E termina: «Obrigado Pai Américo por teres acreditado, sem te perderes em teorizações vãs, vazias, frias, pálidas e até mesmo calculistas e, escandalosamente, autoritárias e interesseiras, nas nossas 'possibilidades' e já agora também por nos teres educado para a liberdade e, ao mesmo tempo, por continuares a chamar-nos à responsabilidade ('repugnância da miséria') relativamente a um determinado modo de viver (abandono, exclusão...) dalgumas crianças e jovens, criados, vergonhosos e escandalosamente nos dias de hoje, por esta 'sociedade hipócrita e insensível'».

A terminar, não podíamos ter melhor, o nosso Manuel António Silva, na sua simplicidade, própria dum «filho» de Pai Américo, como ele diz de si próprio, com dificuldade em falar do assunto «não me é fácil, como filho, ser isento e imparcial, nem me interessa muito o impacto de Pai Américo na sociedade quando com-

DOCTRINA

O cristianismo é a única fonte suave que se levanta no mundo contra toda e qualquer modalidade de escravatura



EU estava à espera do 20, na Praça, mesmo em frente da Ate-
neia. Estava ali um mar de gente. Alguns rapazes dos jornais ajudavam um pequeno marçano a levantar do chão um saco que devia pesar cinquenta quilos. Era café em grão. O pequeno tomou-o às costas e lá foi a titubear por entre a multidão. Nisto, um senhor bem posto e bem parecido dirige-se aonde eu estava: «Veja como tratam aqui no Porto as crianças». E antes que eu dissesse nada, continua ele a dizer: «Há dias, era um mais pequeno, com uma barra de ferro às costas, a tremer e a gemer». Eu já tinha visto que o peso do saco era desmarcado. Os meus olhos acompanharam a criança rua além, até a perder de vista. Tinha visto, sim, mas que fazer? Não tenho título. Se tivesse levantado a mão a favor do maltratado, seria concitar e eu não posso fazê-lo. Antes quero sofrer em silêncio. Acredito no silêncio. Gosto do silêncio. As grandes transformações, tanto no reino da Natureza como no reino das almas, são feitas de silêncio. Posto isto, vamos fazer um bocadinho de doutrina:

A tendência para abusar do mais fraco é um acto do homem. É uma das suas deploráveis fraquezas. Elas são tantas! Que o digam os afeitados a olhar para dentro de si mesmos! Esta tendência, porém, chega a ser mui perigosa aonde e quando falta o espírito cristão. O Cristianismo é a única força suave que se levanta no mundo contra toda e qualquer modalidade de escravatura. Se o amo daquele Menor fosse um verdadeiro cristão, via nele, necessariamente, um seu irmão de tenra idade e seria o primeiro a tomar o peso ao saco, antes de lho colocar às costas. Isto dentro da lógica mais santa, com aquela simplicidade com que o passarinho bebe no regato. Dito deste patrão, dito de todos. Não há enfeites na consciência cristã. Não há contratos. Não há leis nem há profetas. Há a voz interior da Cruz. Se nós fôssemos, na verdade, uma geração cristã, à moda das de Corinto e de Antioquia e de Roma de então; se fôssemos tais quais, digo — certo é que os patrões e empregados haviam de levar muito a mal a interferência do Estado nos seus usos e contratos, pois que cada uma das partes saberia dar contas.

DE uma vez, numa cidade, ao tempo em que começou a vigorar a legislação do salário mínimo, ouvi da boca de um industrial: «Já se cá fazia mais e melhor, antes de vir a lei». Muito bem. Como este, alguns mais — mas não todos. Pois haviam de ser todos. «Ao que colhe muito nada lhe sobeje para que tenha o preciso aquele que colhe pouco». Trocamos esta verdade por outras. Rejeitamos o Sermão da Montanha e eis que aceitamos os decretos do Terreiro do Paço feitos e aprovados por mortais. Marcar idades. Dizer profissões. Ajustar salários. Nomear juizes. Fundar tribunais — e o mais que lá vem. E, no entanto, com todas estas cautelas, passa o pequenino na via pública com uma barra de ferro às costas, a tremer e a gemer! Para que presta a lei, se falta a consciência!?

D. Américo

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

para o impacto que teve na minha vida e na de muito Gaiatos — sabendo que sem a Casa do Gaiato não seria o homem que hoje sou, mas, eventualmente, um reputado delinquente». E coloca o ênfase da pedagogia do seu pai (nosso pai), na família: «Pai Américo foi igualmente o pioneiro de uma inovadora pedagogia, alicerçada na auto-educação e na co-responsabilização como caminho seguro para um bom trabalho educativo. Uma pedagogia que tem por base a mais elementar célula social: a família. E, de facto, é uma família — com as virtudes e as fraquezas de qualquer família numerosa — que Pai Américo oferece às crianças abandonadas, às 'crianças mais repelentes, mais difíceis e mais viciosas', que conhecem o sofrimento e o sabor amargo da miséria. Uma família assente numa filosofia aparentemente muito simples, em alternativa

ao asilo, ao reformatório ou à colónia penal». E termina da mesma forma simples como começou: «Como compreendem a Casa do Gaiato não fez tudo pelo que hoje sou, mas 'preparou a terra, lançou e cuidou da semente...»

E termino eu também, agradecendo aos nossos convidados pelo seu tempo e empenho, mas sobretudo pela sua amizade para com esta Obra que é pertença de todos nós — nós Gaiatos, nós Amigos da Obra, nós Igreja, nós Comunicação Social e nós Estado. Compete-nos a todos ajudar a Obra, zelar por ela. Mas não confundam as instituições governamentais, ajudar com interferir nos métodos que, apesar de divergentes já têm provas dadas.

Um até breve aos nossos Amigos e continuem a rezar por nós.

Fernando Pinto

Setúbal

«Gosto desta morte porque espalha vida»

O Vítor está connosco vai para uma meia dúzia de anos. Em todo este tempo tem-nos dado *água pela barba*. São trabalhos para ele e para nós, a ver se essa água não o arrasta para algum mar de perdição.

É preciso muita persistência e muita luta para vencer tais correntes.

Os contactos com o mundo e principalmente na Escola, têm sido os terrenos onde ele ainda não se sabe movimentar na busca do próprio bem. Seduzido por caminhos fáceis, em que os seus

companheiros já entraram, os quais não terão quem lute com eles e por eles, deixa-se levar.

Têm sido infrutíferos os nossos cuidados, para que ele perceba e deseje a bondade dos frutos colhidos na aplicação das próprias capacidades. Estas não lhe faltam.

Pai Américo dizia que «a alma é um terreno formidável». Não lhe temos faltado, assim creio, com a boa semente. O tempo da germinação já vai longo, mas a sua hora há-de chegar.

Com o Pedro, outro dos nossos, já vimos chegada a hora de colher-

mos o fruto do trabalho de todos nós. Foi o Correio que no-lo trouxe.

Se às vezes nos inquietam, desta vez, a carta do Tribunal, deu-nos um momento de contentamento. A missiva, depois de considerar a progressão, a obtenção de competências profissionais e de responsabilidade que o Pedro adquiriu, e o interesse em preparar o seu futuro, factos que o Tribunal regista com «muito agrado», considera que «em alguma medida, vem confirmar que a Casa do Gaiato continua a ser uma Instituição muito relevante na formação de jovens».

Para ser justo, não poderia ser de outra forma este reconhecimento. Não é em vão que o grão de trigo é lançado à terra; não é estéril a sua morte, mas surge abundante a vida que dessa morte se reproduz.

Tão linda e verdadeira esta palavra de Pai Américo, que justamente aqui se aplica: «Gosto desta morte porque espalha vida»!

Padre Júlio

Benguela

Novo Centro Anti-tuberculose

MAIS um passo em frente. Amanhã, será inaugurado um novo Centro Anti-tuberculose, pertinho da nossa Casa do Gaiato. A Igreja Católica é a Mãe desta casa nova. A doença atinge as camadas mais baixas da população, de forma alarmante. Por isso, olho com muita esperança para este serviço aos mais pobres. Na véspera, fiz encontro feliz, à porta do novo Centro, com um dos nossos rapazes, criado, há vários anos, na Casa do Gaiato. Ao volante da carinha da ONG, onde está empregado, andava a distribuir medicamentos necessários. Estava contente pela missão cumprida.

Tenho dito, muitas vezes, que a área da saúde nos consome uma boa parte dos nossos recursos. É, sem dúvida, uma das pedras basilares na promoção humana, a caminho da vida segura e digna. É o ideal que perseguimos, contando sempre com muitas limitações no campo da alimentação e das condições da habitação. Este é o mundo das pessoas em que vivemos mergulhados. Necessitamos sempre da ajuda material, como a forma mais palpável da vossa participação neste projecto de amor sem limites, a queimar a nossa vida até ao fim.

Ai da massa do Povo anónimo, se não tiver quem lhe dê a mão, quando a doença lhe bate à porta! Os medicamentos são caríssimos para quem tem pouco ou nada. Passo, muitas vezes, pelo hospital a transportar doentes ou a dar a mão aos que vão à frente e regressam com o papel da receita. Levo comigo a esperança do atendimento gratuito, quando sabem que a Casa do Gaiato é a responsável. Basta o pagamento dos remédios! Queremos continuar a servir a gente neste campo da sua vida. Sabemos que estamos a trabalhar na raiz de muitos males, para ficar curada.

Outro mal, de efeitos sociais graves, chega à nossa porta, também. São os filhos abandonados

pelo pai. Gerados, muitas vezes, na adolescência das raparigas, ficam entregues à mãe, sem o mínimo de preparação humana. A porta da rua está aberta para estas crianças. É um assunto sério que deve ocupar a atenção, com urgência, da família natural, da sociedade civil, contando com as próprias autoridades, da Igreja, como educadora e Mãe.

Quantos casos chegam até nós e não temos solução imediata e a mais humana para estes filhos, nascidos com os seus direitos humanos violados. Há um trabalho urgente a fazer junto dos jovens. Não há dúvida que o ambiente degradado em que nasceram, resultante da guerra que assolou o País, não pára de crescer. É necessária muita dedicação das pessoas por estas jovens e um trabalho simultâneo junto dos rapazes. A perseverança é o segredo do triunfo. Entretanto, a doença vai alastrando, pois a multidão de crianças, adolescentes e jovens não pára de crescer. Estes problemas também queimam a nossa vida.

Vou deixar-vos, porque os mais pequeninos não se cansam de chamar por mim para os levar, em passeio, à cidade, em dia feriado. A vossa presença, com o amor que tendes por este Povo, é uma ajuda de alto valor para a cura dos males que partilho convosco, agora.

Padre Manuel António

Malanje

Aspecto de fome...

NARIZ afilado, semblante macilento, olhos carentes de vida. Seu olhar aforrou-se a mim — como afogado a uma silva bem espinhosa.

— Sabes?, isto é um armazém. — Sabe lá ele o que é um armazém... — Vives com quem?

— Um irmão doente.

À nossa frente a planície verde e as acácias são cachos floridos. Os mais pequeninos brincam no terreiro e o grupo dos jardins corta a relva.

Veio a D. Ana com o papelinho dos recados: arroz, feijão, gás, óleo e fuba. Tanta coisa...! Nem um terço no bolso! Meti o papelinho no bolso dos milagres na esperança dele acontecer... Hoje não aconteceu.

Sentei-me, à tarde, na sombra da nossa mulembeira — a rever o meu dia.

Desce a neblina para o rio.

Desce lenta.

No poente a bola de sol — vermelho-fogo.

Chega a manada das vacas.

As mães chamam os filhotes para a ceia.

Palpita a natureza nas tetas cheias de leite — visível na baba do sugar.

Recordo o Rapaz a retirar-se — desamparado. Aquele olhar tão triste magoa-me. Irei a casa dele.

Padre Telmo

Semana das Vocações

Continuação da página 1

amor — família salva. «A lareira é uma Universidade» como recordava Pai Américo.

De todos os modos o nosso lugar, no mundo da pobreza, será sempre o dos mais excluídos — sejam eles crianças, doentes, ou desprotegidos — na fidelidade à intuição original do Padre Américo que a Igreja sempre considerou evangélica e a sociedade dos homens nunca deixou de apreciar.

Mas os tempos que se avizinham não podem deixar de nos preocupar. Pesa a idade, a saúde e vivem sobrecarregados de afazeres e preocupações os nossos Padres, também as Senhoras. Os desafios educativos, hoje, merecem especial reflexão para a qual resta pouco tempo e disponibilidade.

Tudo isto justifica uma maior atenção, que sabemos ser carinhosa da parte da Igreja nossa Mãe; que nos estima e que ao olhar para a vida do Padre Américo, nele descobre «uma das suas mais belas jóias».

Padre João

Momentos

Tempo Pascal

O testemunho da amizade pessoal, manifestado por cada Rapaz, é, na nossa vida, a paga melhor que podemos ambicionar e o que mais nos conforta, a seguir à aprovação divina.

Urgindo sujeitar-me a uma pequena intervenção cirúrgica, a uma vista, e precisando de companhia para me vigiar e conduzir a Casa, após a operação, pedi ao «Cocas» que me acompanhasse e, comigo, se encontrasse, às 09h30, à porta do Hospital, em Lisboa.

O Rapaz é marinheiro. Não seria fácil conseguir folga, mas ele lá organizou a sua vida de forma a ser pontual e me poder prestar todo o apoio.

Era sexta-feira, quando à hora marcada, ao chegar, olhei de frente o grande portão do Hospital, já ele me aguardava, sorridente e carinhoso, de cara levantada, olhos expressivos e alma aberta! Contemplá-lo, sem ser notado, foi a melhor preparação para a minha cirurgia e um bálsamo que jamais esquecerei!...

O conforto dos seus cuidados em prever ou pressentir qualquer necessidade minha, valeu mais do que todos os calmantes.

Escusado será acrescentar que, naquele fim-de-semana, após me ter trazido do Hospital, e já na Casa do Gaiato, o meu enfermeiro foi o «Cocas».

Não me largou até se despedir, para a Marinha, no Domingo, à noite.

Já não digo que a Pátria te mereça, mas, ao menos, que a tua missão te dignifique. Que o teu lugar, sabes muito bem ocupá-lo.

TENDO-ME sido recomendado que evitasse olhar para baixo, nos próximos dias, para não prejudicar o êxito da operação, à catarata, pedi ao Fábio que, antes de deitar, me fosse lavar os pés.

Alegremente surpreendido com a minha petição, dispôs-se logo a acompanhar-me e começou a lavar-me os ditos, com muito jeitoinho, ensaboando ao de leve, parecendo ter medo de me magoar.

— Calca mais no sabão, homem! — Insistia eu, para lhe dar à-vontade. — Esfrega com mais força! — Continuava.

Fabinho, muito acanhado, esforçava-se o mais que podia por desempenhar bem a sua tarefa e eu gozava, deliciado, aquele mimo.

Tive a sensação nítida e arrebatadora que era Jesus, Quem me lavava os pés!

Não me manifestei ao Rapaz nem ele imaginou o que se me afigurava: — *O Mestre a lavar-me os pés!*...

Quis gritar com Pedro: «**Não mereço que me laves os pés!**...» Mas... fiquei só com o sentimento da indignidade bem escondidinho.

Se «o que fizeres ao mais pequenino dos Meus irmãos é a Mim que o fazes» me tem iluminado inúmeras vezes; agora, era eu arrebatado pelo efeito contrário. Era eu o pequenino e Fábio, o Grande.

Os 18 anos já lhe bateram à porta, mas a sua diminuta estatura, aliada a alguma imaturidade e à própria atribulada história que há muito me entrou no coração, fazendo-me senti-lo pequeno, deram-me esta luz nova.

Padre Acílio